

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia

ISSN 14152630



R\$ 8,00

ANO XV - setembro 2012 - Nº 158
www.luzecena.com.br

Festa do Peão de Boiadeiro

As luzes e cores dos shows que agitaram Barretos

Especial Feiras

Os principais lançamentos e destaques da Lighting Week e Expomusic

Câmeras DSLR

Características e aplicações das câmeras mais badaladas da atualidade

Cobertura completa

Broadcast & Cable

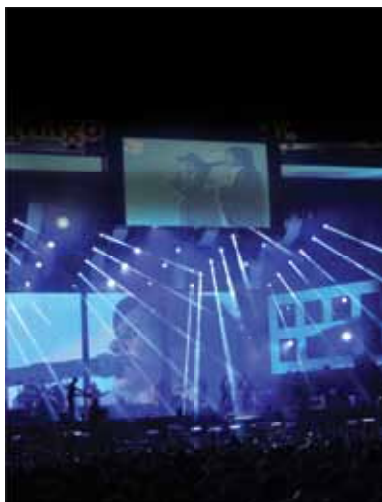
O que de mais importante aconteceu na 21ª edição do evento



LUZ & CENA

Setembro 2012

foto capa: divulgação



26

capa

Festa do Peão de Boiadeiro

Em Barretos, moving lights Robe dão o tom nos shows de alguns dos mais populares artistas do país

por Rodrigo Sabatinelli

EDITORIAL	4
MEDIA COMPOSER (NOVA SEÇÃO!)	40
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO ...	44
ILUMINANDO	50



6

especial feiras

Os principais lançamentos e destaques da Lighting Week Brasil e Expomusic

por Fernando Barros, Louise Palma, Marcio Teixeira e Rodrigo Sabatinelli



14

evento

Broadcast & Cable chega à 21ª edição mostrando novidades e destaques do mercado

por Rodrigo Sabatinelli



32

câmeras

DSLR: as principais características e aplicações das câmeras mais badaladas da atualidade

por Fernando Barros



56

galeria

As Três Graças

por Thais Simões



EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
CRISTIANO MOURA, FARLEY DERZE E
LÉO MIRANDA

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS,
LOUISE PALMA E
RODRIGO SABATINELLI
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO
LUIZ MILLER

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRÁFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936028/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

É setembro voltou

Eis que o planeta deu uma nova volta e cá estamos nós, de novo, em mais um mês de setembro, cara a cara com as duas grandes feiras brasileiras (e latino-americanas, bem como mundiais, vale dizer) das áreas da luz e da cena: Lighting Week e Expomusic. Se no editorial de setembro de 2011 eu destaquei que a importância de ambas para o segmento faz jus à grandiosidade da cidade de São Paulo, que é a maior da América do Sul em vários sentidos, neste eu tomo a liberdade de convidá-lo a visitar os eventos, que agora voltam a acontecer paralelamente no Expo Center Norte.

Para quem “vive a luz”, ambas são prato fundo e cheio, pois colocam ao seu alcance a vanguarda tecnológica sobre a qual todos sempre buscam mais detalhes, seja para usufruir da mesma ou para fazer aquela comparação com os produtos e técnicas do passado. E às vezes, até por implicância, muitos dedicam mais elogios aos antigos... Afinal, são se render ao “futuro” tem seu charme, não é? Claro que boa parte desse charme pode sumir quando notam que horas de trabalho podem ser trocadas por uma programação simples ou um apertar de botão. Mas independentemente de sua ida ou não aos eventos, nas páginas desta *L&C 158* você encontra o *Especial Feiras*. E vendo os produtos que poderão ser encontrados nos estandes, vai que você não se decide a marcar presença, não é?

Lendo nossa edição de setembro você também ficará por dentro de tudo o que de mais importante aconteceu no maior encontro da América Latina destinado às tecnologias para produção de TV, rádio, cinema e novas mídias: sim, a 21ª Broadcast & Cable, realizada em agosto. Percorrendo os parágrafos da matéria, além de saber detalhes sobre os produtos levados ao evento, você também terá acesso a depoimentos dos profissionais que fazem o mercado, o que é sempre proveitoso.

E as câmeras DSLR? Elas estão aqui também, em matéria que mostra as características e aplicações destes “brinquedinhos” que, criados inicialmente para aplicações de fotografia, hoje agitam o mercado de vídeo principalmente por oferecerem imagem em HD e baixo custo. Para temperar o conteúdo informativo, nada como depoimentos de editores e diretores de fotografia, que contaram suas experiências com os equipamentos.

Por fim, encerrando o espetáculo, a *L&C 158* mostra como foi a iluminação dos shows da tradicionalíssima Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Com o Parque do Peão lotado e apresentações de nomes como Thiaguinho, Gustavo Lima, Seu Jorge, Luan Santana, Victor & Léo, Chitãozinho & Xororó e Jorge & Matheus, a luz tinha que ser uma atração à parte. E foi, como você poderá conferir.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

A PINTURA DA LUZ



O conhecedor e o rapaz cansado (Henry Morland, 1773)

DE CASA PARA O MUSEU

A primeira vez que entrei em um museu foi no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ali no Aterro do Flamengo. Li no jornal que havia uma exposição de pintura e, numa tarde livre, fui lá conferir. Eu tinha 23 anos de idade. A única coisa de que me lembro muito bem, como se fosse hoje, era vagar entre os corredores e olhar os quadros em exposição com uma vontade enorme de entender a mensagem de cada pintura, o significado das imagens de cada obra. E em segredo, só eu sabia que andava de um lugar a outro sem captar alguma mensagem específica.

Eu lia naquele ano, 1986, um livro chamado *A música do homem*, escrito por Yehudi Menuhin e Curtis W. Davis, em cujas páginas li uma frase que se instalou em minha mente: “a música é um veneno de efeito secreto”. De repente, no museu, aquela frase rondava minha cabeça enquanto meus olhos buscavam algum segredo nas imagens. Saí do museu com a sensação

de ter entrado em um labirinto chamado arte, cuja linguagem se concretiza em meio a vários materiais: sons, tintas, cores, luzes, palavras, gestos, pedra, madeira... Decidi comprar e ler todos os livros sobre pintura que estivessem ao meu alcance com a ideia de descobrir “os segredos” da pintura. Hoje, com 49 anos de idade, dou aula de história da iluminação e dedico cinco horas da aula à pintura ocidental. A forma como a luz foi pintada nos quadros, isto é, a representação da luz na pintura ocidental pode funcionar como um convite aos nossos olhos para, em silêncio, como um segredo, ouvir a voz da luz contar a história da pintura através dos séculos.

DO MUSEU PARA OS LIVROS

A ideia de olhar a luz na pintura não nasceu em minha mente nos anos 1980 quando fui ver aquela exposição. Recorri aos livros para melhor entender a pintura, as diferenças de estilos

e entrei pelos anos 1990 com este objetivo, sonhando com a ideia de descobrir o significado de um quadro, em que época ele foi pintado. Entrei no século 21 com essas ideias fixas... Já era uma obsessão. Após alguns testes que eu aplicava a mim mesmo (eu encobria com a mão a legenda de uma imagem impressa em um livro), olhando para cada detalhe da imagem a fim de diagnosticar seu significado, seus simbolismos, identificar a época em que foi pintado (bastava eu acertar em que século foi pintado e, oba, era uma vitória). Digamos que após as leituras nos anos 1980, 1990 e 2000 eu já acertava mais de 50% das vezes. Dentro de mim eu achava ser um índice baixo, mas já era melhor que no dia em que entrei pela primeira vez no museu para ver pinturas. Contudo, eu queria melhorar esse escore. E a solução não veio da pintura, mas da música.



Concerto de flauta (Adolph von Menzel, 1852)

DOS LIVROS PARA A MÚSICA

Em 2002 eu completava um ano de residência em Brasília. Havia me mudado do Rio de Janeiro no ano anterior. Na nova cidade eu soube que a Secretaria de Cultura do DF financiava projetos culturais na área da música, dança, teatro, artes plásticas e literatura. Eu preenchi formulários e fui selecionado para receber a verba para o projeto que propus chamado *O Lobo Bom*. A ideia era contar a história da música “do canto gregoriano ao hip-hop”, e o público-alvo era os adolescentes das cidades satélites. Assim, em algumas manhãs, tardes ou noites, eu me dirigia para um colégio público onde alunos do

ensino médio ou EJA (Educação de Jovens e Adultos) já estavam me esperando, pois eu já tinha agendado com a direção dos colégios a minha visita.

Eu levava em meu carro um teclado, uma caixa de som, um microfone e um boné (para usar na hora do hip-hop). Eu entrava na sala de aula sob olhares curiosos, e logo um aluno se oferecia para me ajudar a montar o teclado sobre um pedestal ou uma mesa, e em menos de dez minutos eu começava a contar como a música ocidental se transformou desde a Idade Média, quando o canto gregoriano era importante, até o hip-hop de nossos dias. Eu narrava a passagem dos estilos com o microfone e tocava no teclado cada exemplo de época. Meu teclado possuía os timbres (os sons) que selecionei para caracterizar um coral da Idade Média: as flautas do Renascimento, o cravo do período Barroco, as orquestras clássicas, românticas e modernas, até chegar na batida eletrônica do hip-hop, momento em que eu pegava o boné e o microfone para recitar, com a voz modificada, um tanto rouca e áspera, que... “pela estrada afora eu sigo sozinho...”, “o caminho é deserto...”, “a estrada é longa...”, “o lobo está perto...”, “eu sigo sozinho (tum-tum-tá, tum-tum-tá, tum-tum-tá...)... o caminho é deserto”.

Aquela letra adquiriu significado para aqueles jovens da escola pública. Faltou explicar uma coisa: quando eu mostrava o coral da Idade Média, eu tocava apenas a melodia (sem a letra) que a menina da história, Chapeuzinho Vermelho, cantava pelo bosque em direção à casa da vovozinha. Depois eu repetia a melodia com o som das flautas da renascença, que já soava diferente porque já não era um coral medieval. Depois, eles ouviam a mesma melodia ao som do cravo dos séculos 17 e 18 e podiam perceber a diferença entre os estilos renascentista e



Os comedores de batata (Van Gogh, 1885)

barroco, e entre este e os estilos clássico, romântico, moderno, o jazz, o samba, a bossa nova... o hip-hop (hora do boné).

Assim, com uma única melodia percebi que era divertido apresentar a história da música ocidental. Eu escolhi uma melodia que considere a mais conhecida de todos, afinal, todos fomos crianças e a maioria de nós reconhece essa melodia da Chapeuzinho Vermelho. Julguei que seria mais fácil identificar as mudanças estéticas com a mesma referência (a melodia) e tocá-la com os diferentes sons dos diferentes instrumentos musicais que cada época construiu.

DA MÚSICA PARA A PINTURA

Em 2007, fui convidado a dar aulas de História da Iluminação no Instituto de Pós-Graduação. Divido a aula em duas partes. Na primeira, que representa 75% do tempo total, a aula se chama “Do fogo ao LED” e busca permitir que os alunos conheçam como as tecnologias de iluminação evoluíram desde o domínio do fogo na era paleolítica até o LED dos dias atuais. Na segunda parte, nos 25% do tempo restante, adaptei aquela ideia inspirada de minhas palestras sobre a história da música. Pensei: “e se eu mostrasse aos alunos, no último dia de aula, como a luz foi representada na pintura ocidental?”. Trata-se de olhar apenas a luz nas pinturas produzidas no ocidente “da Idade Média ao século 20”. Enfim, a luz como uma melodia para ser ouvida com os olhos. Meu artigo índice de acerto (quando eu encobria com a mão as legendas das imagens nos livros) subiu para... digamos... 100%. Uáu! Passei a identificar a época em que um quadro foi pintado com base na observação de como a luz foi pintada.

Eu gostaria de compartilhar essa proposta com vocês no próximo artigo. E o que isso tem a ver com iluminação cênica? Há um paralelo entre a arte e a iluminação cênica, entre os pintores do ocidente quando manipulam pincéis e tintas, e os iluminadores quando manipulam equipamentos e luzes. Na Idade Média, as velas eram usadas para iluminar encenações. Nos séculos 20 e 21, um cardápio tecnológico de softwares, filtros, refletores, projetores, lâmpadas, LEDs, mesas manuais e computadorizadas, gobos e outras guloseimas fantásticas estiveram e estão à mesa para serem saboreadas com imaginação, criatividade e uma determinada intenção. Comparar a luz pintada nas telas e a luz cênica das superfícies e espaços funciona para demonstrar como é fértil a mente humana diante da disponibilidade tecnológica de cada época. Mas gosto de observar que tipo de narrativa um iluminador constrói com a luz que percorre as cenas que ilumina.



**Garota cantando baladas com lanterna
(Henry Morland, 1764)**

No cômputo geral, são muitos os artistas: aquele que projeta um software, aquele que desenha um gobo, aquele que tingue um filtro, aquele que constrói uma mesa de luz, aquele que posiciona o refletor no palco, aquele que cria a luz, aquele que opera a luz.

A iluminação cênica é uma sequência de pinturas que são paginadas diante de nossos olhos.

Pausa para uma xícara de chá

Gostaria de recomendar os seguintes livros:

- A arte da percepção: um namoro entre a luz e o espaço (Anna Maria de Carvalho Barros)
- La música y la puesta en escena: la obra de arte viviente (Adolphe Appia)
- La pensée visuelle (Rudolf Arnheim)
- Designing with light and shadow (Kaoru Mende)
- Light fantastic: the art and design of stage lighting (Max Keller)



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilertormann.com